

Ano I — N.º 52
1 Agosto 1931
Preço 1 Esc.

reporter.

Semanário das gran

des reportagens



Da esquerda para a direita: — Mário Domingues, Reinaldo Ferreira, Costa Pereira; Joaquim Mil-homens, António Botto, D. Amélia Ferreira, Carlos de Carvalho; Armando Serodio, D. Berta de Carvalho, D. Leonilde Ludovice, Henrique Pires; Idílio Ferreira, Brito, Costa Júnior, Pinheiro; António, Fernando e Augusto,

NOVELA N.º 27

Quinta-feira, 6 de Agosto de 1931

OS FILHOS DA NOITE

**SENSACIONALÍSSIMO
ORIGINAL DE
ERNESTO DE BALMACEDA**

LEIAM

PASSAPORTES

Espanha, França, Brasil e América do Norte

AGENTES NO NORTE DA

UNITED STATES LINES

NICOLAU FERRAZ

R. do Loureiro, 60 - Tel. 762 - Porto

OS MELHORES



ALVAIADES

EM MASSA

A maravilha das
grafonolas, a
ELECTRO-SONORH,
trabalha eléctri-
camente ou por
corda, motor
para 110 ou 220
"volts".



118 - Rua de Cedofeita - 120

PORTO

Deite fóra todas essas águas, gotas, azeites e tantas outras drogas que lhe têm impingido para pintar os cabelos.

Elas não são mais do que um assalto à sua bolsa... Mostre que é inteligente.

Veja o que os melhores cabeleireiros empregam nos seus magníficos trabalhos de pintura. Constatará que é só

KOMOL

KOMOL, dispondo de 18 cores à sua escolha, desde o Preto ao Louro Rosado, permite-lhe em sua casa, e sem auxílio de ninguém, restituir a côr natural aos cabelos em **15 minutos**. E eles ficam macios, soltos e brilhantes, ninguém conhecendo que foram pintados.

CAIXA 25\$00

A' venda nos melhores estabelecimentos. Representante M. CABRAL — R. Camilo Castelo Branco, 20, Telefone N. 3831. — Depositário — FARMACIA OLIVEIRA, R. da Prata, 240 — Telefone 21415 — Agente no Porto — A. QUADROS Jor. — R. de Traz, 7, 2.º — Telef. 87

A B C

A revista portuguesa mais antiga e de maior expansão

LEITURA INSTRUTIVA, AMENA
E VARIADA FOCANDO SEMPRE
OS ASSUNTOS MAIS PALPANTES
E AS MAIS SENSACIONAIS
:—:—: REPORTAGENS :—:—:

Actualidades gráficas do país e do estrangeiro

HUMORISMO TEATRO CINEMA
MODAS DESPORTOS ETC.

24 páginas de texto e gravuras

Preço avulso 1\$50

Rua do Alecrim, 65 — LISBOA

Homens & Factos do Dia

A ressurreição do coronel Lawrence

RETINIU o telefone com desusada insistência, como se quisesse dar expressão sonora à ansiedade de quem estava do outro lado, auscultador no ouvido e boca bem perto do bocal, para que não se perdesse uma única palavra dos informes sensacionais que nos queria dar.



— Está lá? Sim. É do Reporter X.
— Daqui — disse uma voz de homem bem timbrada, que martelava as sílabas como um discurso teatral e construiu as frases com uma correcção de gramático — fala um leitor dêsse jornal, que tem comunicações interessantes a fazer-lhe.
— Queira dizer.
— Li com muita curiosidade a sua reportagem sobre o coronel Lawrence, do «Intelligence Service», publicada no número passado. Os senhores terminavam essa reportagem — lembram-se? — perguntando se Lawrence teria realmente morrido. Pois eu posso informá-los, com toda a segurança, de que não morreu...
— E' possível — dissemos. — Lawrence

serve-se muitas vezes dêsse truco para mais à vontade praticar novas proezas...
— Pode ter a certeza de que não morreu — tornou a voz bem timbrada do outro lado do fio telefónico. — Está vivo e de excelente saúde. Digo-lhe mais, se o caso lhe interessa: Lawrence encontrava-se precisamente em Lisboa à data da publicação do seu artigo.

— Curiosa coincidência!
— Se lhes interessa ainda outro pormenor...
— Quira dizer... Pelo que vejo, o senhor está bem informado, conhece o «Fantasma Branco» de perto.
— De muito perto. Estive apenas à distância de um metro dêle...
— Falou-lhe?

— Pudera! Digo-lhe mais: êle sabe francês e alemão como poucos.

— O senhor também pertence ao «Intelligence Service»?

— Talvez. . . Mas escute: os senhores disseram que Lawrence fôra um mau aluno da Universidade de Oxford. Enganaram-se...
— A culpa é dos seus biógrafos.

— Lawrence foi dos mais prodigiosos alunos daquela Universidade. Era um arabista extraordinário. E foi precisamente devido aos seus grandes conhecimentos de árabe que lhe confiaram missões no Oriente. Quere outro pormenor? Conhece as pistolas em forma de bengala, não é verdade?

— Conheço.

— E' a arma que êle usa — informou a voz e acrescentou: — Outra coincidência curiosa das suas reportagens. Lembrem-se de há tempos, quando houve uma forte agitação política na Catalunha, devido à proclamação da República em Espanha, terem suscitado a presença de Lawrence em Barcelona? Não se enganavam. Êle encontrava-se de facto em Barcelona. Eu estive lá com êle. O senhor não está mal informado. Aquela gravura, reprodução de um desenho, que os senhores publicaram a acompanhar a reportagem foi publicada pela primeira vez num livro de Lawrence. Está muito parecida. Mas não nos desviemos do assunto. Sabe onde se encontra Lawrence neste momento?

— Sei. Está em Espanha.

— Exactamente. Não quero roubar-lhe mais tempo. Se entender que lhe são úteis as minhas informações, telefonar-lhe-ei mais vezes.

Um estalido sêco anunciava que a ligação fôra interrompida. Foi pena. A conversa era agradável.



Os melhores amigos do «Reporter X»: Os «ardinas», vivos, ruidosos, alegres, infatigáveis, à saída da nossa Redacção.

reporter X

O SEMANÁRIO DE MAIOR TIRAGEM
E EXPANSÃO EM PORTUGAL

Grandes reportagens e crítica a todos os acontecimentos de sensação nacionais e estrangeiros

Sai aos sábados e é posto à venda simultaneamente em todo o país

PROPRIEDADE DE C. CAL

DIRECTOR
REINALDO FERREIRA
(Reporter X)

Chefe da Redacção
MÁRIO DOMINGUES

Redacção, Administração e Publicidade
ROSSIO, 3, 3.º — TELEFONE 25442 — LISBOA
End. Electr.: REPORTERX — LISBOA

Composição e Impressão
SOCIEDADE EDITORIAL «A B C», L.da
Rua do Alecrim, 61 — Rua da Luta, 1-B

PREÇO DAS ASSINATURAS

3 meses — série de 12 números — Esc. 11\$50
6 » » » 25 » — Esc. 22\$50
12 » » » 52 » — Esc. 44\$50

Para as Colónias e Estrangeiro acrescem os respectivos portes
Pagamento adiantado

— Conheço.
— E' a arma que êle usa — informou a voz e acrescentou: — Outra coincidência curiosa das suas reportagens. Lembrem-se de há tempos, quando houve uma forte agitação política na Catalunha, devido à proclamação da República em Espanha, terem suscitado a presença de Lawrence em Barcelona? Não se enganavam. Êle encontrava-se de facto em Barcelona. Eu estive lá com êle. O senhor não está mal informado. Aquela gravura, reprodução de um desenho, que os senhores publicaram a acompanhar a reportagem foi publicada pela primeira vez num livro de Lawrence. Está muito parecida. Mas não nos desviemos do assunto. Sabe onde se encontra Lawrence neste momento?

— Sei. Está em Espanha.
— Exactamente. Não quero roubar-lhe mais tempo. Se entender que lhe são úteis as minhas informações, telefonar-lhe-ei mais vezes.

Um estalido sêco anunciava que a ligação fôra interrompida. Foi pena. A conversa era agradável.

(Conclue na pag. 14)

Os «Ratos do Parque Mayer»



Dois aspectos do Parque Mayer, nestas noites de calor tropical

Um rápido preâmbulo, como nos filmes a legenda da apresentação... Durante algum tempo rabiou pelos *hangars* da má-língua lisboeta a fama de que o Parque Mayer — ou quem o dirige — não morria de amores pela gente da imprensa. Verdade ou mentira, não houve neblinas de antipatia a antepor as suas tarlatanas entre mim e o cenário evocativo desta reportagem — quando, ao focá-lo, grudei o binóculo do espírito. De facto, o Parque Mayer não é o que Lisboa necessita. Barcelona tem o Turó e o Soturno-Park; Paris, o Magic-City e o Luna-Park; Berlim, o Wanger-Park, o Palácio de Cristal e o York-City; Londres e Roma, o Lux. Todas as grandes cidades possuem os seus parques de atracções onde engenheiros autênticos e especializados edificam «Montanhas russas», «Ondas de aço», «Zig-zags mecânicos», «Trater-chut», «Cilindros e discos mágicos», «Aeroplanos cativos», «Carroceis zoológicos», «Grutas asiáticas», «Submarinos em lagos de papel», jogos de todos os estilos, alegria a retalho, luz, música, baile, paraísos para plebeus e para aristocratas. Parque Mayer exilou as feiras de Agosto, de Alcântara e de Belem, que estavam escancaradas, que eram gratuitas — oferecendo apenas, lá dentro, após o *passé à la caisse*, algumas tabulagens, barracas de fartura, teatros como os há cá fóra e «cafés» como os há em toda a parte...

Mas não foi para criticar o Parque Mayer nem para recordar os parques de distrações estrangeiros que amealhámos o material desta reportagem...

OS SONAMBULOS DA ENTRADA

Era fácil historiar a existência do palácio onde esteve, em tempos, um *club* nocturno e o recinto franjado de arvoredo e salpicado de jardins que um grupo de empresários, a que pertencia o saudoso Luiz Galhardo, metamorfoseou em Parque Mayer. Não é preciso! Começemos pela confissão de que eu o frequentei com assiduidade — pagando o meu bilhete como qualquer *coyó* embeicção por uma *girl* ou como um papalvo da Província atraído pelas luzes. A causa é a de... não haver melhor. E frequentando o Parque Mayer notei que na zona luminosa da entrada pairavam sempre certos indivíduos, silenciosos, pacientes, que não entravam nem saíam e que ali se agrupavam desde o início da animação até às primeiras horas da madrugada — quando no Parque não quedam senão o pessoal dos teatros e os que, bem ou mal intencionados, ceiam nos *restaurants* de improvisado recinto. Após o primeiro exame, urdi várias hipóteses e esbocei várias armadilhas para os fazer cair em confidências. Mas ante a tenacidade da sua reserva — dilatei a minha suspeita. E se este artigo não os afugentar, o leitor que uma noite dos seus cuidados e que os observe... Encontrá-los-á tal como os descrevo — decentemente trajados, mudos, imóveis, como sentinelas vigilantes...

E foi por me referir a esses indivíduos que alguém me evocou, pela primeira vez — e não sei porquê — os «Ratos do Parque Mayer».

OS ROEDORES...

Quando se deu a metamorfose e o parque particular se transformou em parque público, todos os que se tornaram cidadãos do novo estado de distrações, artistas, maquinistas, contra-regras, empresários saltimbancos e cozinheiros de farturas — começaram a badalar que no «Mayer» havia muitos ratos. Quer nos camarins, quer nos palcos ou nos interiores das barracas surgiam buracos inverosímeis, soalhos roídos, incícios de destruição por toda a parte. Ninguém hesitou em determinar a causa desses destroços. O Parque devia aninhar milhares de ratos. Os «Ratos do Parque Mayer» ocasionavam tais prejuízos, eram tão activos e velhacos que mereciam o quadro de honra de todas as palestras. — «E! pena que os ratos dêem cabo de tudo — lamentavam-se os feirantes, os artistas, as *girls*, que viam os seus esconchos todos picados, brocados, bordados pelos dentes miúdos dos implacáveis roedores. Mas dois portmornos espantaram os que sofriam estes prejuízos e os que comentavam nas mesas de «café» (porque os «Ratos do Parque» eram discutidos em toda a parte, como se estivessem em moda ou fôsem «assunto do dia» — dum dia que durou semanas, meses, anos até...). Primeiro: que os cavalheiros não se contentavam em realizar as suas proezas nas edificações improvisadas; no Parque apreciavam covas, se nelhantes às notadas nos palcos e nas barracas; segundo: que apesar dos numerosos e sempre renovados vestígios da sua obra destrutiva, ninguém se orgulhava de haver caçado um só desses vândalos — de os haver surpreendido em flagrante ou sequer de os ter visto de fuga. Eram ratos especiais, únicos, ratos fenómenos — os que tanto estrago produziam no Parque!

O SENHOR SUPREMO DO PARQUE

Não era a primeira vez que eu escutára referências aos «Ratos do Parque Mayer». Numa dessas noites em que, não sei a que propósito, se evocou, simultaneamente, os párias da entrada e os estragos causados pelos roedores, o amigo já citado respondeu-me:

— Nunca lêste o livro que deu celebridade a Gaston Lerroux — *Le Fantôme de l'Opera*? Pois bem. O Parque Mayer possui também o seu *fantasma*. Oculto não se sabe onde, vivendo não se sabe como, vindo não se sabe quando, existe aqui dentro um ser humano que odeia de morte todos os que invadem o seu reino. A sua existência neste local deve datar de muito antes da metamorfose do parque particular para parque público. Quem acompanhou como eu acompanhei as *démarches* de Luiz Galhardo e dos seus sócios — pressentia,

na urdidura de todos os atritos, de todas as dificuldades e contrariedades, o dedo diabólico desse inimigo formidável. Quem quer que seja, instalou-se em sítio infranqueável; surge, esquentada, fére, intriga sem que pessoa alguma o possa surpreender. Mas o seu segredo não é tão novelesco como o do herói de Lerroux. Ele tem um objectivo, uma ambição — e por isso luta, combate, se sacrifica a um exílio, a um cárcere voluntário e subterrâneo, ao que parece. E! éle — e não os ratos — quem perfura, quem broca, quem esburaca camarins, barracas e a própria terra — buscando não sei o quê. O seu cérebro deve ser prodigioso — porque encontrou a fórmula de arrebatar um bando de cúmplices, disciplinado, medroso, obediente a todas as suas ordens — e que raramente se afasta da entrada do parque. Obedecem-lhe, recebem regularmente o seu prémio — e não o conhecem. Nunca o viram!

«... Nunca o viram — nem ninguém o viu até hoje! Ninguém — é exagero. Alguém o viu já — alguém que faleceu há pouco tempo, que pertencia ao pessoal dum dos teatros e cuja morte é um enigma para muita gente. Davamo-nos muito; éle confiava em mim como num irmão. Comecei a notar-lhe certa mudança de carácter. De alegre passou a pessimista; de valente a assustado; de despreocupado a apreensivo. Uma tarde interroguei-o. Ele estava ansioso por desabafar — e contou-me tudo. Certa noite — éle não tinha ainda 30 anos —, após o trabalho no teatro, deixou-se ficar no Parque, aguardando a oportunidade de se encontrar com certa *girl*... Esperou até às 5 da manhã, esforçando-se por não ser visto, procurando os locais mais solitários. Súbito a; erebeu-se dum vulto que atravessava, numa corrida, o sítio onde já esteve um baile de creadas de servir. Alarmado, ocultou-se melhor, vigiou esse vulto e viu-o ajoelhar-se no solo e esburacá-lo, como quem desenterra qualquer coisa. O vulto sumiu-se; e pouco depois alguém lhe batia no ombro. O rosto — afirmou-me éle — estava velado por uma máscara. Envolvia-lhe o corpo uma capa negra, à espanhola. Apenas lhe disse, numa voz fanhosa e num sotaque estrangeirado: «Sei quem és e sei que me viste! Se dizes uma só palavra seja a quem fór — despede-te da vida!» Ele guardou segredo até... mo revelar. Dias depois — morria num hospital. Fiquei com remorsos por lhe ter provocado esta confissão...»

O mistério dos «Ratos do Parque Mayer» não é assunto para uma página. Se esta reportagem não os afugentar dentro de poucos dias, de morte súbita, eles cairão na ratoeira que lhes armamos.



A' entrada do Parque Mayer, agrupam-se todas as noites dezenas de indivíduos que não entram, que não se movem e que parecem sonâmbulos...



O movimento revolucionário em Espanha

Quem é o dr. Pedro Vallina, o agitador da Andaluzia — Proezas de estudante em Paris — O homem que está sempre onde a morte paira — Vallina já residiu em Portugal.

UM dos problemas mais delicados da jovem república de Espanha está localizado na Andaluzia, girando em volta do regime de propriedade existente nesta rica e pitoresca região.

Não faltam as soluções, entre elas a conservadora, que nada resolverá, visto que pretende que se mantenham as coisas tal como se encontram, sem a menor modificação. A esta tendência opõem-se várias, mas a mais aguerrida e, possivelmente, a que dispõe de mais partidários na Andaluzia, é a comunista. Com ela procurou lutar, mas em vão, o famoso aviador Ramon Franco, valendo-lhe isso ser alcunhado de comunista pelos conservadores e de conservador pelos comunistas.

A frente do movimento de agitação rural que ameaça convulsionar aquela região de Espanha, encontra-se o dr. Pedro Vallina, conhecido médico sevilhano, cuja vida, fértil em peripécias dramáticas, merece ser, a largos traços, relatada.

Lisboa recebeu em 1925 a sua visita. Inimigo da ditadura de Primo de Rivera, sendo mesmo considerado como um dos seus mais perigosos adversários, detiveram-no um dia em Sevilha. E deram-lhe a escolher o país onde desejaria viver exilado. Optou por Portugal.

Em Lisboa viveu durante alguns meses, sem que a sua conduta se tornasse suspeita às autoridades. Esse famoso agitador tinha a aparência tranqüilizador dum bom burguês. Falava pouco — e passava cotidianamente de noite pela cidade, cuja parte velha muito o interessava.

Um dia, inesperadamente, desapareceu. As raras pessoas que tinham conquistado a sua difícil convivência, conhecedoras do seu temperamento impulsivo, foram tomadas de grande alarme e entregaram-se às mais dramáticas conjecturas.

A hipótese dum suicídio, dado o seu feitiço concentrado, chegou a ser encarada. Passaram dias, rolaram meses sem que Pedro Vallina desse sinal de si. Soube-se, três anos depois, que reentrara em Espanha, clandestinamente, e que as autoridades espanholas andavam na sua peugada e ofereciam alguns milhares de pesetas a quem, denunciando-o, proporcionasse a sua captura.

Apesar de todos os esforços empregados pela Polícia do país vizinho, o dr. Pedro Vallina nunca foi encontrado.

Dias depois de Berenguer ter substituído Primo de Rivera no Poder, Pedro Vallina reapareceu, tranqüilamente, em Sevilha. E voltava a ocultar-se após o incidente dramático de Jaca.

Actualmente, é um dos homens mais discutidos em Espanha. Os jornais dão dos seus discursos desenvolvidos relatos e recolhem, a miude, as suas opiniões em longas e pormenorizadas entrevistas.

Há duas dezenas de anos, Nicolau II, o ultimo «tsar» da Rússia, esteve de visita em Paris, tendo sido alvo dum atentado. O «tsar» vivera angustiado durante uma semana na capital francesa, onde a Polícia exercia sobre ele uma grande vigilância, pois receava-se que fosse vítima de qualquer acto de vindicta dos revolucionarios russos que se encontravam exilados em Paris.

Contra a expectativa geral, a sua visita a França decorrerá sem incidentes. Porém, Nicolau II, se-

gundo refere um dos seus biógrafos, só respirou tranqüilo quando se viu dentro da caruagem de caminho de ferro que o havia de conduzir a um dos portos do norte da França.

O imperador sorria, pleno de contentamento, às entidades que, por dever de protocolo, dele se tinham ido despedir, quando alguém, inesperadamente, com voz forte, clamou em francês:

— «Tsar» Nicolau, em nome das vítimas da Sibéria...

O resto da frase foi abafado pelo estampido dum bomba. A caruagem desapareceu, durante alguns segundos, oculta por uma nuvem de fumo. O pânico foi indescrevível. Minutos depois todos recobravam, pelo menos aparentemente, a serenidade, ao verificar-se que o imperador e todas as pessoas presentes tinham ficado ilesas.

Horas depois, a Polícia detinha, entre outros extremistas, Pedro Vallina, um estudante de medicina, cujas relações com os revolucionarios russos exilados em Paris eram notórias.

Averigou-se que, minutos antes do atentado, vagueava pelas imediações da estação de caminho de ferro. Algumas pessoas, chamadas a declarações, reconheceram-no. Pedro Vallina, interrogado, não negou a sua presença no local do atentado, tendo respondido, com arrogância, que lhe assistia o direito de andar por onde lhe apetecesse, sempre que isso não representasse desacato a qualquer determinação policial.

E quando lhe disseram ter sido ele quem preferira a frase que precedera o atentado, replicou sorridente:

— Para me fazerem essa acusação seria necessário apresentarem-me uma prova, uma única prova...

— Qual? — interrompeu, surpreso, o agente que o interrogava.

— A prova gramofónica.

Uma semana depois, Pedro Vallina era posto em liberdade, por não ter sido possível encontrar, além da sua presença na estação no dia do atentado, qualquer prova comprometedora.

Afonso XIII, numa das suas visitas a Paris, foi, como se sabe, alvo dum atentado — o famoso atentado da Rua Rohan.

Um desconhecido arremessara contra ele uma bomba, que por felicidade o não atingira. Por suspeita, era novamente detido o estudante Pedro Vallina. Provou-se que ele estivera na Rua Rohan no momento do atentado.

Vallina, submetido a sucessivos interrogatórios, recorreu ao mesmo processo de defesa que adoptara no caso do atentado ao «tsar» Nicolau.

Longe de negar a sua presença na Rua Rohan à hora em que se dera o atentado, repetira a afirmação de que lhe assistia o direito de passar por onde lhe apetecesse. Mas como se recusasse a explicar a razão porque se encontrava naquela rua,

a Polícia, a quem a coincidência da sua presença nos locais onde se tinham produzido aqueles dois atentados tornara grandemente desconfiada, instaurou-lhe um processo.

Meses depois, efectuava-se o seu julgamento. No tribunal apresentou-se de fonte erguida e negou a acusação com firmeza. As suas testemunhas, entre as quais se contavam algumas das maiores figuras literárias de França, proferiram depoimentos que sensibilizaram o júri, fazendo com que este se inclinasse para a absolvição.

A embaixada espanhola, que nunca mais o perdera de vista, pediu ao governo francês a sua extradição. Um português, que se encontrava em Paris nessa ocasião, e que era amigo do presidente do ministério, o famoso estadista Combes, procurou-o, a fim deste o informar se Pedro Vallina corria perigo em Paris.

Combes tranqüilizou-o:

— Enquanto eu estiver no Poder, êsse estudante pode estar tranqüilo, desde que respeite as leis francesas. Mas não conto ser chefe do governo mais de quinze dias, e o meu sucessor, que deve sair duns grupos conservadores do Parlamento, fará, de bom grado, a vontade à embaixada de Espanha.

Ao fim de dez dias, Combes caía estrondosamente no Parlamento.

Horas depois, o estudante Pedro Vallina abandonava, precipitadamente, a França.

O dr. Pedro Vallina tem as mesmas convicções do exaltado estudante de medicina que há duas dezenas de anos se celebrizou em Paris.

Estas revelações sobre a sua vida, que nos foram fornecidas por um português que com êle conviveu em França e durante a sua estada no nosso país, explicam de maneira cabal o recio que à Espanha está causando a actividade do famoso agitador junto dos rurais de Andaluzia.

Reporter X

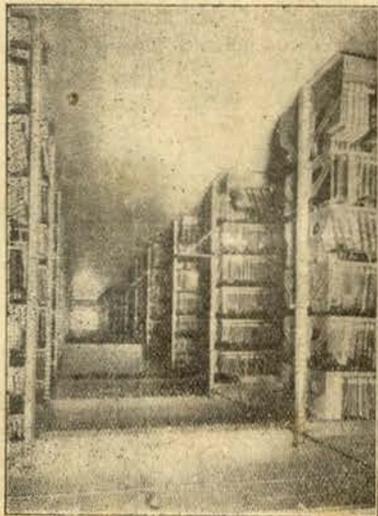
Sai êste número com algum atraso, porque durante vinte e quatro horas faltou a corrente eléctrica na nossa oficina de gravura. Contra obstáculos dêstes é impossível lutar, principalmente em Portugal, onde as grandes companhias, sempre prontas a perseguir o consumidor pelas faltas comezinhas, se permitem faltar por sua vez aos seus compromissos, causando prejuizos e transtornos de que não nos indemnizam.

Dêste atraso involuntário pedimos — por nós e pelas Companhias Reunidas de Gás e Electricidade — mil desculpas aos nossos leitores.

NA manhã de 28 de maio de 1930, perto das onze, Lisboa, que despertara encastoadada em sol, foi chicoteada de surpresa por furiosas edulvianas bategas d'água. Dir-se-ia que as canalizações celestes tinham sofrido um brusco rompimento — esvazendo, numa só hora, todas as reservas destinadas ao inverno. Havia algo de agressivo nesse imprevisível temporal, pela brutalidade com que nos fustigava e pelo ruidoso chiar que a chuva produzia ao bater nas valetas. As ruas povoadas, àquela hora, pelas multidões que trabalhavam, ficavam desertas em poucos segundos.

Dirigia-me, nessa manhã ao Chiado — galgando pachorrotamente a Rua do Alecrim. Mal me senti regado pelos primeiros duchos da chuva, lancei-me numa corrida, na ilusão de que vira, no passeio fronteiro, uma porta aberta. Não estava; e como era distante a redacção do «ABC» — único refúgio seguro da vizinhança — resolvi especar-me, cosido ao portal, resguardado apenas pela varanda de um andar superior. Neste momento parou um «taxi» e d'ele apeou-se um individuo magríssimo, esgrouviado, pescoço longo e tombado de galináceo morto; a cabeça estreita, mais estreita ainda pela barbicha ponteguda e pelo afinamento do nariz exageradamente judaico — que, erguendo a gola do sobretudo preto, atravessou o passeio enlameado nos bicos dos pés e premiu uma campainha. Relenceei a vista e formei-me uma opinião sobre o cavalheiro. Era indiscutivelmente, gráficamente, um israelita — mas não português. Aquele tipo pertencia aos judeus do norte

Misterio da Biblioteca



Grandes corredores conglutados de livros preciosos, alguns dos quais valem fortunas

da Europa — holandês ou talvez britânico. Devia ser um desses mercadores errantes de joias ou de bugigangas e *bric-à-brac* para colecionadores. Mal ele afastara o dedo nodoso da campainha — a porta abriu-se e apareceu, de chapéu de côco na cabeça e sobraçando uma umbrela de sultão marroquino, um individuo da mesma série humana. Só o desirmanava do primeiro a falta da barbicha e uns óculos que acavalava quasi na extremidade do nariz penudíssimo. Saudaram-se em inglês e pelo que a seguir disseram deduzi que era ao segundo que o primeiro procurava; e que este não ouvira a campainha por se encontrar já a meio da escada. Convidado a entrar — instalaram-se no vestibulo; mas quando o segundo ia a fechar a porta, observou-me, hesitou e acabou por me oferecer também refugio num português sem sotaque. Agruparam-se os dois, discutindo negócios; acantoei-me eu para não recompenhar uma gentileza com a aparência duma indiscrição. Mas o vestibulo era estreito e, embora tivessem abemolado as vozes, difficil seria impedir que as suas palavras invadissem os meus ouvidos. Segredaram algo de que não me apercebi, e

pouco depois não só mudei de attitude íntima, procurando escutar o que até então procurara não ouvir, como me sorri por dentro, porque se a alma chora também sabe rir, sem que o rosto o denuncie. E' que os dois homens, suspeitando que o idioma inglês fôsse do meu conhecimento, escolheram um outro que raros portugueses entendem e muralhados no qual se julgaram garantidos. O idioma escolhido foi o catalão, que eu compreendo mil vezes melhor do que o britânico.

E' precisamente porque os cavalheiros tinham tomado essa precaução, reveladora de certa gravidade nas suas mútuas confidências — é que conseguiram aguçar o meu interesse... Escutemos, pois, os pontos essenciaes do seu diálogo em catalão:

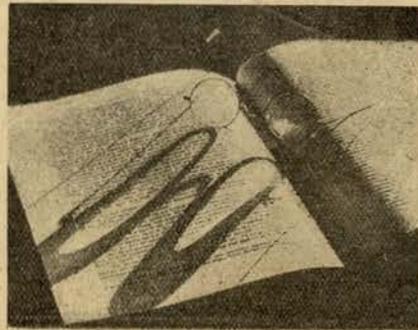
— «Quando chegaste de Coimbra?» — inquiriu o da barbicha ponteguda. — «Ante-ontem» — informou o segundo. — «Mas só esta manhã recebi o teu bilhete!» — «Julguei que estivesse ainda em Espanha.» — «Eu só fui a Badajoz porque não me convinha telegrafar de Portugal.» — «Quando pensas regressar a Londres?» — «Logo que me dês as... (aqui escapou-se-me o final da frase).» — «Se eu soubesse o difficil que era, os riscos que havia e o dinheiro (êle disse *los cuartos*, que significa *dago* ou seja plebeísmo catalão) que fui obrigado a gastar não teria cedido ao preço que fizeste ou nem talvez tivesse ace tado o negócio.» Depois de uma quasi longa controvérsia em que regatearam judaicamente preços (falavam em centenas de libras e milhares de dólares...), o desbarbado acabou por pronunciar pela primeira vez as palavras *Biblot-ca, Biblos* (esta última foi re-rectada mais tarde agregada ao nome de Gutenberg). Houve sobretudo duas frases que me alertaram. A primeira foi o que viera de *taxi* quem a pronunciou: — «Disseste que te custaram caros os auxilios... Tu bem sabes que é condição expressa não haver mais ninguém metido no negócio. E' uma imprudência — um perigo enorme.» Ao que o outro respondeu: — «Não és mais prudente do que eu. Os auxilios a que me referi são outros. Além disso eu só te as entrego com a condição de que não partirás com elas sem que eu te telegrafe de Hendaya.» — «Porquê?» — «Póde haver surpresas na fronteira e eu quero estar longe...»

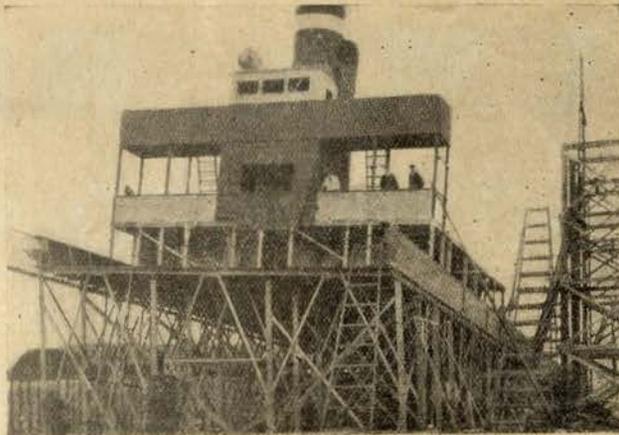
Durante a discussão, por várias vezes me senti observado; mas era tão bem affectada a minha incompreensão que não criei suspeitas. Contudo, a certa curva do diálogo surgiu uma terceira figura

— um tipo de creado envelhecido e descuidado, de *cache-col* de veludo e boina. Não era português pela certa. Possuía as características do inglês hebreu. Desceu até meio do último lanço da escada e sobraçava um volumoso embrulho. Esse embrulho devia ser entregue ao judeu dos óculos. Deduzi-o pelo intercâmbio de olhares. O judeu dos óculos disse então, em português, e mirando-me de esguelha, que... «já não chovia!» Era eloquente. Queria dizer que o seu favor em consentir-me refugiado no vestibulo terminara — visto que terminara a causa... Não tive outro remédio senão... agradecer e sair!

Recordo-me com exactidão das datas referentes a todos os *puzzles* desta reportagem — porque quis o Destino que êles se enquadrassem em factos que estão vivamente grifados no meu calendário íntimo. Assim como sei que foi na manhã de 28 de Maio que eu escutei este diálogo — porque esse dia corresponde ao aniversário natalicio de um grande amigo, a casa de quem eu me dirigia, subindo o Alecrim, não posso esquecer que foi em 11 de Dezembro de 1930 (ou seja quasi seis meses depois) que se desenrolou a cena que vou narrar — pelas razões que seguem. Estava em Londres na reportagem do julgamento do falecido Waterloo. Houvera uma pausa no processo e deixara-me ficar toda a manhã no meu quarto do

(Continua na página 14)





Como se faz um transatlântico... cinematográfico: Este tombadilho, destinado ao naufrágio do filme «Lusitânia», foi construído, nos studios, em 12 horas.

A DECADÊNCIA DE HOLLYWOOD — A ARTE DE FAZER NAVEGAR TRANSATLÂNTICOS... EM TERRA FIRME — O «LUSITANIA» ARTIFICIAL — AS ONDAS E OS ESCALERES — MAIS UM PORTUGUÊS DE HOLLYWOOD — O ESCÂNDALO E A RESSURREIÇÃO DE MAURICIO COSTELO.

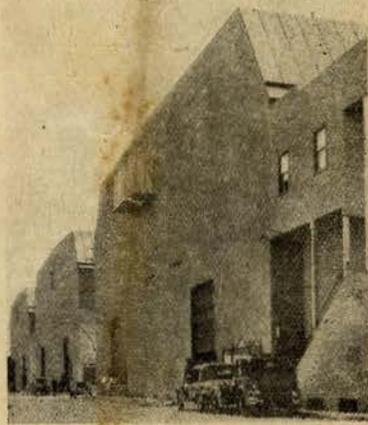
É INDISCUTIVEL que o cinema americano, na sua vertigem de realismo e de sumptuosidade, conseguiu montagens cenográficas que suplantam a própria verdade. É tanto assim que, filmadas as películas para as quais esses cenários eram realizados, guardam-nos preciosa e orgulhosamente, como se fossem peças de museu. A «Universal» — por exemplo, depois de satisfazer o capricho do seu director, o velho cinematografista Carl Larmann, edificando em Hollywood um autêntico Teatro da Ópera de Paris, para o folhetim-mudo «Fantasma da Ópera», extraído do romance de Lerroux e herificado por esse ilusionista da máscara que foi Lon Chaney, «decor» esse que custou 2.000 contos (100.000 dólares), ocupando um «studio» de 100 metros por 40 e empregando, durante cinco semanas, um arquitecto, três engenheiros, vinte pintores e 250 operários — a «Universal», como diziamos, nunca mais tornou a utilizar esse «studio», conservando intacto e montado o cenário e exibindo-o aos visitantes como os cicerones de Piza mostram a torre inclinada. Quasi todas as empresas de Hollywood possuem o seu «decor» máximo, o seu «decor» de museu.

Uma das «maravilhas» mais «vulgares» deste género (perdêmo-nos o paradoxo de adjectivar «maravilha» com a «vulgaridade») é a dos navios. Douglas gastou um capital imenso na construção da galera que figura no «Pirata Negro»; a maior verba dos 40 milhões de dólares devorados pelo «Ben-Hur» foi a dos navios da esquadra romana e da dos corsários — realizados nos estaleiros de Delfino, na Itália; Ramon Novarro sofreu um forte abalo financeiro quando tentou libertar-se das empresas e filmar por sua conta uma película desenhada na época das conquistas do Novo Mundo, abalo esse que foi consequência das despesas de uma nau que ficou em meio, após a fogueira de quasi todas as reservas de que o popular artista dispunha. Actualmente, num dos mais pequenos «studios» da capital do filme — o das «Bross Brothers» — está-se realizando um dos maiores barcos cenográficos que o ecran conheceu até hoje. A película intitula-se «Lusitânia» mas, a pesar

de andaimas. Quando os artistas e figurantes se debruçam para admirar o horizonte infinito do Atlântico... vêem apenas o casario e as chaminés das fábricas. Quando se «misescena» a catástrofe, as sacudidas do navio agonizante são produzidas pelo mesmo sistema de certos cavalos de pau... que «fazem que andam mas não andam», ou seja pela forma curva da base do navio. Basta que amarem umas cordas às traves e que produzam,

FITAS...

à força de pulso, um certo balanço. A água do mar assalta os tombadilhos... por meio de mangueiras... Filmadas as cenas do convés — fazem-se as do oceano. Estas são divididas em duas séries. A primeira é tomada nas piscinas, sob ondas artificiais, com escaleres que descem e naufragos que se suicidam; a segunda filma-se no mar autêntico, a dez minutos de Hollywood, e ali, não se vendo nunca o «Lusitânia» senão numa espécie de «quadro» cenografado que se afunda ao longe, os escaleres afastam-se, os naufragos



Os enormes studios sonoros herméticamente fechados que substituíram, em Hollywood, os antigos casarões de vidro.

lutam ansiosamente com as ondas, etc.. Os segredos do cinema produzem, de facto, uma emoção superior à dos próprios filmes.

A propósito do primeiro artigo que publicámos sobre a decadência de Hollywood, e referindo-se aos poucos portugueses da capital do filme, recebemos uma interessante carta do dr. Henrique Ramos, residente em Braga, da qual extraímos os seguintes trechos: «Busquei sofredamente na lista dos nossos compatriotas que do sonho e a aventura levaram a Hollywood o nome de meu irmão — Mário Ramos — e não o encontrei. E por ser curiosa a sua história e por constituir uma lacuna na sua reportagem, tomo a liberdade de a narrar. Meu irmão mais novo, Mário, que tem hoje 27 anos e que tinha, por conseguinte, em 1925, 21 anos, estava obcecado por duas paixões, hesitando na escolha definitiva duma delas: as letras e a cinematografia. Não passou de primeiro ano de Direito e indo para o Porto iniciou, com algum êxito, o jornalismo e a literatura, colaborando no «Primeiro de Janeiro», no «Notícias» e publicando dois livros: «Visões» (crónicas) e o romance «Máscara Dialiana». A família contrariava-o na segunda ambição, a do cinema, e provavelmente por isso abandonou as letras e partiu para a América. Estivemos seis meses sem notícias suas. Em Setembro de 1925 escreveu-nos dizendo que passara horas muito amargas em Hollywood — mas que as dava por bem empregadas, porque vencera. Travara relações com um italiano, no acaso dum «café» e esse italiano ouviu-o com curiosidade, sem se revelar. — «Vá procurar-me amanhã às 11 horas.» — disse-lhe ao despedir-se. — «Onde e por quem pergunto?» O italiano deu-lhe um bilhete de visita que meu irmão não leu no momento. Sentia já pouca confiança no futuro e preocupava-o, sobretudo, nessa hora... o problema do jantar — visto que não almocara e não possuía senão algumas moedas de cobre. Ao chegar a casa a patroa avisou-o de que era a última noite que lhe dava a chave do quarto, visto que não pagava havia 15 dias. A cama é um refúgio nestas situações; e ao deitar-se (eram 7 da tarde) o bilhete caiu-lhe milagrosamente nas mãos. Foi obrigado então a ler o seu conteúdo: «Fulano de tal» — director da secção de argumentos da «Fox Film C.º Fox-Avenue 1171 — Hollywood.» As traves daquele espirito fizeram-se em estrelas. Levantou-se e deambulou toda a noite até dia claro. Voltou ao quarto para se arranjar e dirigiu-se logo à direcção indicada. Ficou sendo redactor à experiência, por um prazo de 2 semanas e a 50 dólares por semana. Imediatamente se destacou, desprezando os trabalhos burocráticos de que o encarregavam e tomando a iniciativa de argumentos originais. Um desses argumentos — que foi depois filmado com o nome «The first light» (a primeira luz), interpretado por Lely Doring e James Theodory — impressionou por tal forma o representante de William Fox que não só o contratou definitivamente como lhe fixou o ordenado de 400 dólares. Esteve três anos na «Fox»; a sua fama fez com que da «Universal» o desinquietassem. Hoje trabalha avulso para todas as empresas, sendo os seus filmes pagos a 3, 5 e 10.000 dólares. Segundo nos comunicava na sua última carta (5 de Maio), produzira em seis anos argumentos para 80 filmes, tendo três secretários e três dactilógrafas. Dessas produções apenas 5 vieram projectar-se nos ecrans portugueses. Esteve em Portugal, de visita à família, no inverno de 1929, mas apenas se demorou um mês. Tendo eu querido informar os jornais sobre a sua estada e a sua obra — proibiu-me terminantemente de fazê-lo: «Quero estar tranquilo! Para desassossêgo já me basta Hollywood!»

RECORDAM-SE de Mauricio Costelo, um galã da «Vitagraph» que esteve muito em moda em Portugal — e em todo o mundo — e que, parecendo irmão do célebre dinamarquês Psylander, dava certos ares do Alexandre

(Conclue na pag. 15).



Reinaldo Ferreira, nosso estimado Director, faz o esquema do número que tu, leitor, estás lendo.

A história de uma batalha e de um triunfo — Como nasceu o «Reporter X» — Episódios, aneddotas, traições, duelos e ciladas — Como se faz um grande jornal moderno — Os cães ladram, mas a caravana passa . . .

PELO dinamismo estranho que o anima, pelo pensamento que dele se desprende, pelo que nele existe de sonho, de aspirações de beleza e de equidade, de revolta ante a injustiça e de cavalheirismo na defesa dos fracos e oprimidos, um jornal, quando cumpre a alta missão social que lhe está destinada na existência dos povos, vive como um ser humano, é um valor tão representativo na sociedade como um cidadão que discute, vota, combate, luta pela vida — um cidadão de actividade excep-



Mário Domingues, Chefe da Redacção, escuta o resultado duma reportagem acidentada.

UMA REPORTAGEM DO PRIMEIRO ANO DE EXISTÊNCIA DO

reporter X

cional, gigantesca que sozinho enfrenta, por vezes, as ambições mais ilegítimas, os grupos mais aguerridos, os inimigos mais poderosos. E assim, ante tanta manifestação de vitalidade, nós —

os homens que o lemos ou escrevemos — acabamos por sentir a ilusão de que um jornal é um ser vivo, um indivíduo, com cujas opiniões é preciso contar, cuja existência cheia de peripécias, de aventuras, angústias e triunfos nos interessa como nos pode interessar a vida de um homem célebre e prodigiosamente activo.

O *Reporter X*, que completa hoje cinquenta e duas semanas de existência agitada, febril, intensa, é para os seus leitores — e para nós que o escrevemos com os nervos, com a sensibilidade e com a inteligência — um desses seres vivos que irradiam simpatias, criam adeptos, apaixonados e devotos.

Cinquenta e duas semanas de emoções, de ansiedades, de perseguição à novidade sensacional e fugidia, à novidade misteriosa e esfíngica que parece oferecer-se, abandonar-se sedutora e generosa nos nossos braços, e que se escapa no preciso momento em que vamos lançar-lhe a mão ávida! Cinquenta e

duas semanas de angústias, de canseiras em que os nervos vibram como cabos eléctricos de alta tensão para que toda a complicada engrenagem dêste semanário se mova harmónicamente! Cinquenta e duas semanas em que as cartas anónimas, contendo as mais sangrentas e ignóbeis ameaças, choveram em dilúvio nas nossas bancas de trabalho para nos obrigarem a calar segredos infames, combinações repugnantes, negocia-

tas vergonhosas! Cinquenta e duas semanas de luta firme contra inimigos de toda a espécie, desde os que vêm ao terreno de combate de cara descoberta e armas lícitas à vista, aos que se ocultam sob máscaras de amizade e se infiltram traiçoeiramente na nossa própria casa!

Cinquenta e duas semanas, um ano, bem vivido, que nós — e tu leitor — temos direito de comemorar, pousando a pena uns momentos, limpando o suor da labuta, e gritando de consciência alegre: «Cumprimos o nosso dever!»

E após esse breve momento de merecido repouso, antes que as energias faleçam, preparemo-nos para o árduo percurso de outro ano de jornalismo honrado, para outras cinquenta e duas semanas de angústias, emoções e lutas inglórias sem outra esperança de recompensa que não seja a do cumprimento do dever sagrado — que a todos os homens se impõe, mas que ao jornalista obriga com mais pesadas responsabilidades — de revelar a Verdade e combater a Injustiça.

Não existe barbeiro que não ambicione estabelecer-se nem jornalista que não aspire à posse de um jornal bem seu onde todos os sonhos de justiça, todas as fantasias de perfeição, todas as ânsias de verdade e de modernismo possam dilatar-se às proporções do triunfo — sem a pressão de interesses, convencionalismos, de parcialidades confessáveis ou não confessáveis. O «Reporter X»-homem não fugia à regra e também acalentava no íntimo a esperança de fundar um dia um «Reporter X»-jornal. Mas a sua ambição não era apressada, nem nítida ainda... Havia de pensar nisso mais tarde, num vago futuro. E se na véspera dos acontecimentos que adu-

baram milagrosamente essa vaga esperança lhe tivessem profetizado o que se ia passar — ele sorria-se mas não acreditava...

Dizem que a Dôr é mais fértil do que a Alegria; que da Dôr nascem todas as grandes obras da Humanidade... Talvez assim seja! A ideia de fundar o «Reporter X»-jornal foi, como todos os capítulos da vida convulsa do «Reporter X»-homem, um zig-zag, um rufar de tambores como nas mágicas quando Mefisto sai do alçapão! Atravessava ele então, nesse ano, a Hora Suprema de todos os predestinados e lançou-se num esbanja-



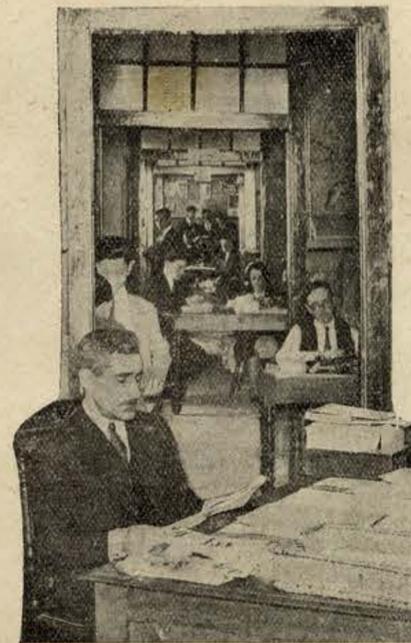
Enquanto Idílio Ferreira faz uma entrevista arriscada, Serodio, de uma esquina, toca a cena, sem ser visto.

mento tal dos seus próprios nervos que os seus amigos lhe organizaram um rapto, sequestrando-o, *pour le bon motif*, numa quinta romântica do Minho, em plena cidade de Barcelos. O repouso e o exílio foram-lhe propícios para o excitar no seu amor ao trabalho.

Multipliou as suas colaborações em jornais nacionais e estrangeiros. Súbito, a meio dessa labuta febril e obcecante, surge um conflito: uma revelação sensacional sobre as célebres «Libras de Louça», publicada no «Povo», provocara explosões de escândalos em todo o país, sobretudo no norte. Uma alta individualidade financeira, comprometendo-se a si própria, julgara-se visada e quisera usar da sua influência em certo diário onde assentava grande parte da actividade profissional do «Reporter X», para o obrigar não só a calar-se como a desdizer-se. A resposta foi um pedido

telegráfico de demissão; e para que essa individualidade não pensasse que lhe cortava os viveres e o amordaçava pelo vil sistema da *chantage* silenciosa — resolveu continuar as revelações fosse onde fosse. Em duas horas estava gizado o plano dum jornal, impresso numa tipografia de Barcelos, sem outras aspirações que não fossem as de não estar calado e de não se deixar esmagar pelo poderio dos fortes. Intitulou-se esse jornal «Homens e factos do dia» — e com grande surpresa do «Reporter X» os 8.000 exemplares tirados esgotaram-se na primeira hora de venda; e os 10.000 seguintes, tirados à pressa, voaram com a mesma velocidade. Havia quem oferecesse 50 e 100 escudos — por um exemplar! No segundo número a venda atingiu 20.000 exemplares.

Dois motivos obrigaram então o «Reporter X» a suspender a sua publicação.



Luiz da Costa Pereira, secretário da Redacção, lê o primeiro exemplar que saiu da máquina.



Escondido por uma coluna, Serodio, o hábil fotógrafo, dispara.

O primeiro era involuntário; o segundo é que aquele jornal improvisado, feito com pequeno material, não estava à altura da categoria em que o entusiasmo do público o entronizara. Usou-se então da teoria de Lenine: parar para melhorar. Parou-se, organizou-se, e com o pequeno capital de 10.000 escudos emprestados por um amigo, fundou-se no dia 9 de Agosto de 1930 o semanário «Reporter X». O que foi esse ano de vida, as lutas que travámos, as desilusões e as alegrias que sentimos — não cabem nem numa página, nem num jornal inteiro...

* * *

Uns dizem: «O «Reporter X» triunfou porque, realmente, tem conseguido até hoje uma tal intensidade de interesse e variedade de assuntos que electrizam o público; mas não podem continuar assim muito tempo. Esgotam-se eles e esgotam o *stock* de material virgem que possuíam. Não se dão em Portugal acontecimentos suficientes para manter um semanário daquele género naquela permanente tensão nervosa». Outros, desdenhosos ou a sangrar por dentro, opinam: «O êxito do «Reporter X» reside nas campanhas violentas que empreendem. O público gosta de escândalos — mas será o primeiro a agoniar-se com esse sistema». Erro! Erro ou injustiça.

O «Reporter X», desde o início, inscreveu no seu cabeçalho a sua índole jornalística: «Semana das grandes reportagens». Esse lema tem sido cumprido integralmente. Não é, como muita gente erradamente supõe, uma gazeta de campanhas, ansiosa de escândalos para servir como manjar apetitoso aos

(Continua nas páginas 12 e 13)

A tentativa de envenenamento na Escola de Guerra e nas águas em Africa — Quem matou o presidente Wilson? — Portugueses ao serviço da «Câmara Negra» — Uma espia que obriga dois espias enamorados a baterem-se em duelo na Boca do Inferno — O «record» das decifrações

ESTÁ ainda por descrever na sua grandeza incomensurável toda a imensidade da tragédia que foi a Grande Guerra. Não a tragédia vivida à luz do dia, entre as pilhas de cadáveres e a lama das trincheiras, mas a que se passou nas antecâmaras e gabinetes, os desastres provocados, os serviços secretos, as greves e revoluções, os heroísmos e baixeiras da espionagem, os envenenamentos e tumultos, toda a luta passada longe do *front* — mas nem por isso menos sangrenta nem menos terrível...

Pelo que se passou em Portugal, país militar e politicamente menos importante sob o ponto de vista internacional, se pode calcular o que teria acontecido por esse mundo fóra. Em Portugal assinalam-se as revoluções, os desastres, os incêndios provocados quasi sempre por agentes alemães e algumas vezes por agentes aliados. Nessas páginas secretas da História de Portugal na Grande Guerra, algumas delas já aqui desven-

A acção secreta

DOS AMERICANOS EM PORTUGAL

dados, há duas que será necessário um dia escrever, pois são das que ficam como lição: — uma tentativa de envenenamento na Escola de Guerra, que só por acaso não teve conseqüências graves, e o envenenamento de água em Africa, que produziu, ainda, algumas vítimas.

Neste instante uma dúvida se ergue em todo o mundo e alastra como nódoa de azeite. O presidente Wilson teria morrido envenenado? Teria sido vítima da espionagem alemã ou duma cabala dos aliados? As suspeitas, ou melhor, a acusação concreta causou grande abalo em todo o mundo. Porque partia a acusação duma pessoa que, decerto, mediu as responsabilidades da sua afirmação, e que tinha incontestável autoridade para a fazer.

Foi o major O. Yardley, antigo chefe da policia secreta norte-americana, desde 1917 a 1929, quem, no seu livro de memórias *A Câmara Negra da América*, agora publicado, nos faz as mais extraordinárias revelações sobre o envenenamento do presidente Wilson.

Conta êle que a «Câmara Negra» — assim se chama na América do Norte a repartição de policia internacional secreta —, instalada em Washington, na 17.^a Avenida — conseguiu obter a decifração dos telegramas trocados durante as negociações de Versailles, dos quais muito claramente se concluiu que os aliados tentavam envenenar Wilson. Foram então — lê-se no mesmo livro — tomadas as mais rigorosas precauções para proteger a vida do primeiro cidadão da América, mas que não evitaram que a sua morte se desse misteriosamente em 1924, o que oficialmente foi atribuído a uma congestão.

Até que ponto é lícito duvidar desta informação? Todos sabem a força enorme que representavam os serviços secretos norte-americanos, os únicos, talvez mesmo mais que os alemães, que conseguiram prejudicar o serviço formidável do «Intelligence Service», de Londres. Todos sabem que o êxito estrondoso da de-

legaçoão americana à Conferência de Washington foi devido ao trabalho do «Gabinete Secreto», que conseguiu inutilizar a acção dos representantes das potências que tinham pontos de vista contrários aos interesses norte-americanos. Durante o almoço podiam os membros da delegação americana lêr com toda a calma as informações secretas inglesas, francesas e italianas sobre as negociações e assim, conhecidas as cartas dos parceiros, conduziram convenientemente o jogo...

Como é natural e tem acontecido com os livros publicados em vários países sob a acção da espionagem no nosso país, o livro do major Yardley refere-se a Portugal. Fala da delegação portuguesa do «Gabinete Secreto», instalada no mesmo prédio e no mesmo andar agora ocupado pelo *Reporter X* e cita uma dezena de pessoas que no continente e nos Açores lhe prestaram serviços importantes, referindo-se particularmente a «dois portugueses e um açoreano»!...

Não fala o oficial norte-americano, no seu livro, duma portuguesa que à delegação da «Câmara Secreta» prestou serviços relevantes, e não admira, pois que só de passagem fala do nosso país.

Essa senhora, que é uma jornalista de nome, residindo sempre no estrangeiro, e que tem feito muitas reportagens sobre a S. das N., conseguiu tanta confiança dos chefes americanos da espionagem em Portugal, que dois deles — os mais graduados — a disputaram num duelo na Boca do Inferno. Sabe-se tanta coisa que se fôssemos a revelar tudo morreríamos... de congestão.

Fechado o parêntesis, continuemos: Ainda nas referências a Portugal, feitas aqui e ali acidentalmente, o major O. Yardley cita a base naval americana nos Açores, como garantia dum princípio de colonização americana no caso de ser feita uma revisão de territórios.

Em cifras está resumido todo o trabalho realizado, de que damos esta pequenina amostra: Só de 1917 a 1929 foram recolhidas e decifradas nada menos do que 45.000 informações secretas. Não acreditamos que o que ali foi escrito seja fantasia do autor, principalmente pela responsabilidade que isso acarretaria. O livro, mal foi posto à venda e se tornou conhecido, desapareceu imediatamente, mais depressa do que o que justificará qualquer êxito de livraria.

COSTA JÚNIOR



Wilson

Os amores de Gallo

ERA uma tarde de luminosidade cegante, na praça de touros de Sevilha. Sob o sol escaldante, um sol de tourada que arrancava à arena e ao público buliçoso dos lugares baratos mil reverberos, como se houvessem espalhado no vasto anfiteatro mil estilhaços de um espelho. Não era apenas o ambiente estonteante que fazia desvaivar a multidão. Os *trajes de luces* dos toureiros, as ventarolas multicolores, os *mantones* floridos como jardins exuberantes, todos êsses excitantes que pairam no ar que se respira e que fazem das *torarias* espanholas o mais fêérico espetáculo do mundo nada valiam no ânimo do público comparados com a destreza, a galhardia e o arrojo daquele jovem elegante, a despeito de franzino, que surgira quasi de repente para emprestar à arte do toureio novos aspectos, inéditos *passes*, belezas divinas, fenomenais. Toureava *El Gallo*, o sevilhano que Sevilha desconhecia, que Sevilha desprezava e que só agora, que a fama dos seus feitos o precedera antes do seu regresso à terra natal, Sevilha o ovacionava com delírio nunca visto.

Nessa tarde (há quantos anos lá vai tudo isso!)

e Pastora Império

Gallo toureava em Sevilha pela primeira vez, depois de ser célebre. Já escutara às ovações triunfais de Madrid, já conquistara as simpatias de Malaga, já fora levado ao colo das multidões de Valença, já era considerado o maior entre os maiores nas melhores praças de Espanha. Apenas Sevilha, onde ele vira a luz deslumbrante do dia, o ignorava, apenas Sevilha, supremo juiz da arte de tourear, desconhecia o fenómeno e o recebia nessa tarde inolvidável — tarde que os velhos recordam saudosos — com certa reserva, numa expectativa de céptico.

El divino calvo entrou numa atmosfera de curiosidade severa. Sevilha não acreditava no seu filho. Sevilha preparava-se para proferir a última palavra — a sua sentença inexorável. Mas Gallo era tão grande na sua arte, tão seguro, sereno e hábil na sua lide, tão imperturbável ante a morte, que aos primeiros *passes* os sevilhanos exigentes viram que estavam na presença de um homem e não puderam resistir ao fluido de simpatia que emanava daquele artista admirável, que conhecia todos os segredos da sua arte. Gallo conquistava o seu primeiro grande trofeu de glória, apesar de confessar que estava *em uma má hora*.

Deram-lhe *la reja*; as mulheres de olhos negros, incendidos, atiravam-lhe flores, os homens arremessavam-lhe boinas e chapéus, os *aficionados* exclamavam: «El fenómeno! El divino!» e de um camarote, uma mulher esbelta, adorada, *una reina del bailado*, um ídolo da multidão, erguia-se mui palida e arrancando do cabelo negro e setinoso um cravo vermelho, sangrento, arremessou-lho, extasiada. E todos notaram que de tantas flores que juncavam a arena apenas aquele cravo vermelho, mais vermelho pelo sangue onde caíra, fora erguido por Gallo, que o levou religiosamente aos lábios.

Quem era a deusa que lá do alto soltava de seus dedos divinos aquela flor de amor? Uma cigana, uma cigana como Gallo, que pertencia a uma das primeiras famílias ciganas de Sevilha. A deusa era Pastora Império, a bailarina de formas voluptuosas, a mulher mais requestada e mais graniticamente honesta de Espanha.

A SAUDOSA INFANCIA

Mais de uma dezena de anos antes dessa tarde memorável, na Triana, o célebre bairro de Sevilha, que o turista ávidamente procura, pelo seu pitoresco e pelo seu aspecto típico, havia duas famílias rivais. Eram ciganas e, sendo as duas mais importantes daquela raça, disputavam-se a primazia. Não se suportavam, embora aparentemente se estimassem. Como de uma planta em pleno vigor, de uma dessas famílias despontava

uma criança linda, uma rapariga encantadora, que era, na sua intantilidade, uma deslumbradora promessa. E em torno dela, como a abelha à volta de uma flor perfumada, ajejava um garoto, o primogénito de outra família cigana, que se sentia deslumbrado por tanta sedução precoce.

Mas as famílias detestavam-se e, mal notaram tão forte inclinação, deram-se pressa em impedir que as duas crianças se encontrassem. A separação fôra completa, brutal. O tempo decorreu, os destinos traçaram a cada um a sua rota, e só muito tarde, largos anos depois, já adultas, as duas crianças tornaram a encontrar-se — nessa tarde de sol e de glória. Ela era já a grande artista, a grande Pastora Império; ele principiava a ser o mais famoso toureiro de Espanha — Gallo, *el divino calvo*.

Aquele cravo vermelho, na sua curta trajetória das mãos esguias dela às mãos secas d'ele, acabava de transpor o vácuo que os anos haviam aberto entre ambos, ligando-os de novo.

OLHOS PRETOS — OLHOS VERDES

Mas o que no coração de Império era fidelidade a juramentos infantis, não passava de capricho na alma do toureiro. A vida fizera-o inconstante e volúvel como a sorte no toureiro e aquele *béguin* antigo apresentava-se-lhe agora como conquista fácil que as recordações de outrora houvessem preparado melhor! Pastora Império depressa se apercebeu da ligeireza de sentimentos do homem que desejava reconquistar, que queria para si só, mas com seriedade, unida pelos laços fortes do casamento. Soube

que o seu tipo de mulher — morena, esbelta, olhos negros em braza — não era a formosura ideal a que o toureador aspirava. Ele tinha um fraco, a que não pôdia resistir: adorava as mulheres de olhos verdes, olhos nórdicos, de transparencias oceânicas. E Pastora Império, abrazada numa paixão pura, amaldiçoava a natureza que a moldara linda, sensual, mas de uma beleza e sensualidade contrárias aos apetites de Gallo. Se uma fada poderosa como as que aparecem nos contos maravilhosos que se contam à lareira pudesse, com um leve toque de varinha, transformá-la na imagem e semelhança do sonho do bem amado! Se a ciência moderna, tão extraordinárias em suas façanhas, lhe pudesse mudar pelo menos a cor dos olhos!

E essa fada maravilhosa, essa taumaturga da ciência moderna surgiu um dia, em Sevilha, personificada numa francesa aventureira, que trazia de Paris, a capital do sonho, filtros mágicos com que transformava a beleza das pessoas.

Constou-lhe que, por meio de injeções melin-

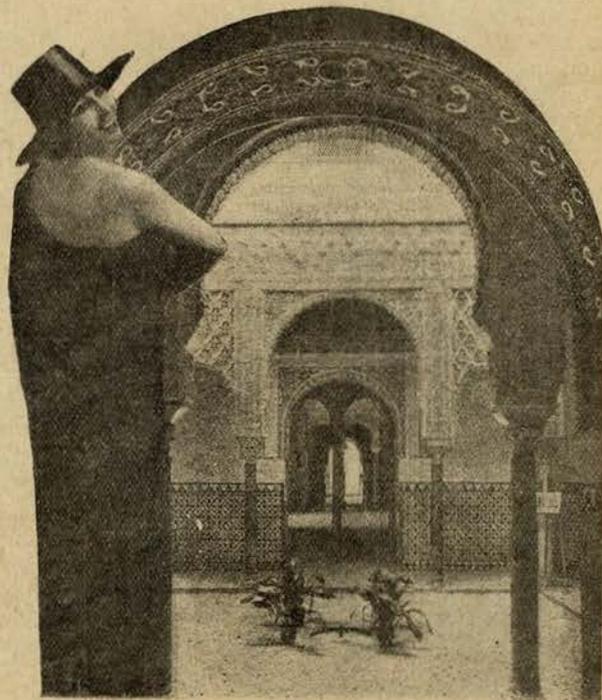
drosas na iris, essa mulher diabólica mudava de negro para verde o colorido dos olhos dessas ciganas que desprezavam o maior encanto de todos os seus encantos irresistíveis. Mas que lhe importava a ela, Pastora Império, perder em beleza para os outros, se poderia com essa deformação conquistar o coração do homem a que todo o seu ser aspirava? Que lhe importava!

A francesa já operara em Sevilha muitos milagres. Estava prestes a abandonar a cidade. Algumas amigas apresentaram-se doidas de contentamento a Pastora Império, deslumbrando-a com o verde glauco dos olhos outrora negros como os de uma odalisca. Pastora Império não hesitou: sujeitou-se à operação. E poucos dias depois, com grande pasmo de Sevilha, apareceu com uns olhos tão verdes como as ondas espumosas do oceano impregnadas de luz.

A francesa desapareceu. Algumas das operadas cegavam da operação. E Pastora Império, ameaçada pela cegueira, ria de contentamento. Que lhe importaria a cegueira, se já a seus pés tinha, rendido, o seu apaixonado de infância, o boêmio incorrigível, o Gallo fenomenal, o divino calvo!

COMO NOS ROMANCES PESSIMISTAS

Aguardando a cada momento que a luz dos olhos lhe fugisse, como já sucedera a muitas outras iludidas como ela, Pastora Império esperava ansiosamente o dia venturoso do casamento. O acontecimento provocara em Sevilha um entusiasmo maior do que os *passes* arriscados do toureiro, um deslumbramento maior do que os bailados hipnóticos da grande bailarina. Chegou, finalmente, o desejado dia. Toda a Sevilha vibrou, delirou. No bairro da Triana as ruas apareceram ornamentadas; o povo entregava-se a descantes e bailaricos como em dia de festa nacional; os taberneiros despejavam almudes de *manzanilla*, e cada pai, ao pensar na suprema ventura de Gallo, (Conclue na pag. 15)



Pastora Império, na sua mocidade, e o célebre Alcazar de Sevilha

Uma reportagem do primeiro aniversário do «Reporter X»

(Continuação da pag. 9)

seus leitores mais mórbidos. As campanhas, quando surgem, não são provocadas perversamente por nós, são determinadas pela obrigação que nos impuzemos de não permitir immoralidades com a complicitade do nosso silêncio, ou de obstar que indivíduos sem categoria moral pontifiquem na sociedade portuguesa, escravizando, oprimindo, em benefício dos seus interesses inconfessáveis. Foi o que aconteceu, por exemplo, com a campanha contra o Marquês de Sagres, que ainda se conserva bem viva na memória de todos. A existência desse marquês duvidoso pouco nos interessava. O que determinou o bombardeamento que fizemos contra esse cavalheiro poderoso foi o sintoma de decadência moral nos costumes portugueses que permitia a um homem sem escrúpulos ascender a um pedestal de importância, de poderio e de respeito, que uma sociedade bem constituída só devia conceder a homens honrados e úteis à colectividade. Um *escroc* medalhado, recebido e acarinhado por gente de bem, misturado com pessoas respeitáveis, grangeando simpatias e favores que muita gente recta já jamais alcançou, era um contrasenso, um absurdo que urgia destruir. Fizemos sobre o marquês revelações sensacionais — tão sensacionais que houve quem, dando curso ao malévolos boato de que no «Reporter X» apenas se escreviam fantasias, julgou que a figura hedionda do marquês, com as suas aberrações de toda a

espécie e as suas *escroqueries* inacreditáveis, não passava de uma personagem novelesca que nós todas as semanas inventávamos no sossêgo do nosso gabinete de trabalho. Mas não tardou que a realidade — gritada depois em normandos vistosos pelos jornais que o adulavam enquanto poderoso — viesse confirmar a razão que nos assistia ao apontar o Marquês de Sagres com um dos meliantes mais perigosos para a sociedade portuguesa.

E quantas, quantas vezes a verdade por nós revelada e tomada por fantasia vem depois a confirmar-se por factos alheios à nossa vontade! Os mais cépticos já não se abalam a acusar-nos de fantasistas. Durante estas cinquenta e duas semanas de trabalho extenuante, de reportagens palpitantíssimas, a reputação de semanário das grandes reportagens consolidou-se definitivamente. Aqueles que julgavam que não suportaríamos três semanas sempre intensas, vibrantes de acontecimentos inéditos e de revelações espantosas, acreditam agora — ao cabo de cinquenta e duas semanas sem desfalecimentos — que para o «Reporter X» não há falta de assunto. Não há porque ele sabe ir buscá-lo, porque em vez de esperar que os acontecimentos lhe entrem espontâneos e fáceis pela porta dentro, vai, pelo contrário, ao seu encontro, arrancá-los à sombra mais espessa, obrigá-los a aparecer como o coelho acoçado pelo furão, e trá-los ainda vivos, ainda palpitantes, para as suas páginas, onde ficam a vibrar, a viver tal como na própria Vida.

É este o segredo do nosso triunfo, segredo de que não tiramos patente e que qualquer como nós o pode usar — desde que tenha a coragem que nós temos tido de enfrentar o trabalho, de se lhe entregar apaixonadamente, como o amante nos braços da mulher querida.

É assim — trabalhando muito, andando de terra em terra, de bairro em bairro, sempre atento, o *kodack* preparado e o ouvido à escuta — que se pode fazer um jornal de grandes reportagens, tão grandes, tão espantosas, embora reais, que chegam a parecer inverosímeis. O trabalho remove montanhas.

Do nosso esforço nestas semanas — muitos são os triunfos que perduram no espírito do público, que os evoca ao menor pretexto, saboreando ainda a emoção que lhe provocaram. Outros perderam-se na vala comum da memória, impelidos injustamente pelo Destino. Mas o que o público não visiona recor-

dando os números publicados ou esperando, com impaciência, o número anunciado é o quadro conjunto que esse esforço representa. Em 52 semanas publicámos perto de *quinhentas* reportagens, das quais, mais de *duzentas* merecem a categoria de «assunto sensacional», acompanhadas por duas mil seiscentas e três gravuras — «fotos», «croquis», desenhos, etc. Para que os leitores visionem o diâmetro aproximado dos nossos êxitos dir-lhes-emos, e podemos provar pelas nossas colecções de recortes, que durante este ano de existência honramos-nos com oito mil cento e doze referências lisonjeiras, sendo oito mil e vinte e três nos jornais portugueses (comentários, transcrições, etc.) e as restantes em jornais estrangeiros (nestes apenas 1/4 são citações e 3/4 transcrições íntegras ou parciais dos nossos artigos). Os jornais estrangeiros que nos transcreveram pertenciam à Espanha, França, Inglaterra, Bélgica, Holanda, Alemanha, Suíça, Itália, Turquia, Polónia, Dinamarca, Sérvia, Brasil, Argentina, Venezuela, Cuba, etc. As nossas reportagens que bateram o *record* das transcrições e traduções foram *O vampiro do sangue real*, *Os antropófagos em Portugal* e *O exército secreto do Vaticano*.

O vampiro do sangue real produziu uma profunda sugestão no público português. Sucedeu até que uma das pessoas focadas e semi-veladas por um pseudónimo se nos apresentou confirmando tudo quanto revelávamos e mostrando-se um pouco... ofendida — porque não lhe tínhamos publicado o seu nome por extenso... nem fotografia. Se dispusessemos de tempo para achar as narinas pedantes dos que nos acusam de fantasia — não deixaria os inteiro um só desses narizes. A reportagem que sofreu maior injustiça desses cavalheiros foi a das *Plantas devoradoras*. Pois bem. No mês seguinte recebíamos um exemplar de «The Scientific Review», de Boston, indicando detalhes sensacionais, acompanhados de «fotos» tão flagrantes que não permitiam a menor dúvida sobre a antropofagia dessas plantas e da sua aparição em certos terrenos de Portugal. Tão pouco costumamos contar ao público os sacrifícios, as audácias, os perigos que os nossos repórteres correm, muitas vezes, para obter revelações — as quais, muitas vezes também, ficam em frigorífico, nos nossos *dossiers*. Por exemplo: Quando o *Reporter X* empreendeu a campanha contra o tráfico de brancas, o nosso repórter Idílio Ferreira conseguiu conquistar a *amizade* (?) de um *castan* ou seja «traficante», dos mais temíveis e famosos da seita; e para que em qualquer momento pudesse provar a forma perigosa e audaz como soubera os segredos do «tráfico», pediu ao repórter fotográfico que se ocultasse por detrás da janela dum rés-do-chão do Largo da Biblioteca, e assim se obteve



O nosso repórter Idílio Ferreira, coadjuvado pelo nosso arquivista sr. Carlos de Carvalho, folheia o formidável arquivo que tanta gente teme...

um «instantâneo» em que aparece o tal *caftan* de braço dado ao nosso repórter. A este repórter, assim como a Américo Faria, o autor de «Entre os «rufias» de Lisboa» e Costa Júnior, autor do «Sátiro de Coruche», deve o *Reporter X* alguns dos seus êxitos brilhantes e sensacionais.

Um dos nossos orgulhos mais lógicos é, sem dúvida, o caso de Pita Soares. Foi o *Reporter X*, logo no início da sua vida, quem agitou a questão, mal conhecida ou ignorada até aí, conseguindo fazer um carrilhão com os corações dos seus leitores — carrilhão tão poderoso que foi ouvido do outro lado do Atlântico e que teve como resultado a salvação da vida do nosso desditoso compatriota. Foi o *Reporter X* quem primeiro entrevistou a família de Pita Soares; o único jornal que publicou uma entrevista com ele — entrevista bem original. Estávamos nas vésperas da saída do nosso 3.º ou 4.º número. Incendiada por nós, a questão crepitava em altas labaredas de interesse. Era necessário que Pita Soares falasse aos nossos leitores. A América fica longe e não havia tempo para enviar-lhe um repórter... Que fazer, então? Entrevistá-lo à século XX, rádio-telefonicamente, marcônicamente. Mandámos um telegrama de resposta paga ao director do presídio, pedindo para que deixasse o prisioneiro responder às perguntas que lhe dirigíamos. E Pita Soares respondeu a todas — e o nosso público emocionou-se profundamente...

Fala-se muito nos nossos *dossiers*... São eles, de facto, uma obra. Dividem-se em centenas de pastas; referem-se a milhares de indivíduos e de factos — grandes, pequenos, enormes... Um dos *dossiers* mais férteis não só da matéria prima dêsse *dossiers* como das revelações de todos os dias é, sem dúvida, o correio. Sem contar com a correspondência administrativa e focando apenas o que se dirige à redacção trazendo as informações de alto ou baixo interesse, temos registado, num ano de existência, 18.300 cartas e postais, ou seja perto de 400 por semana e de 60 por dia — vindos de toda a parte e em todos os estilos. Recebemos diariamente de 20 a 50 jornais nacionais e estrangeiros, e o arquivo de gravuras dispõe para cima de 15.000 retratos.

Todo este enorme esforço, todo este êxito foi conseguido num ano de publicação. E' muito feio ser vaidoso — mas a vaidade explica-se às vezes.

* * *

Há tempos, um admirador do *Reporter X*, residente em certa terra da Província, enviou-nos uma extensíssima carta relatando várias peripécias que muito lhe interessava vêr publicadas no nosso jornal. Intercaladas na prosa e coladas nas largas laudas garatujadas de frases,

apareciam algumas estampas. E no final da carta o signatário escrevia-nos em *post-scriptum*: «Envio também as ilustrações dêsse artigo, colocadas no seu devido lugar, não tendo V. Ex.ª senão o trabalho de mandar entrar na máquina o original e fotografias tal como se encontram.»

Que ideia teria o nosso correspondente da factura dum grande jornal? As recomendações que êle nos fazia em *post-scriptum* deixavam-nos a impressão de que o bom homem tinha tanto a noção da vida interna de um jornal como da vida hipotética do planeta Marte. Ah! ingénuo admirador do *Reporter X*, como tu te enganavas acêrca da facilidade do nosso trabalho! Tu ignoras totalmente a engrenagem íntima de um jornal! Mas se tu pudesses assistir ao nosso labor durante uma semana, endoidecerias com certeza.

E' sábado. Lá fóra, na rua, a alegre garotada apregôa com entusiasmo o último número: «Olha o *Reporter X*! Cá está o *Reporter*! A multidão lança-se, ávida, sobre os exemplares, e mesmo na rua mergulha na leitura, com volúpia, como um corpo em água fresca nestes dias calmosos.

Encaramos já com indiferença o entusiasmo do público por aquele número do *Reporter X*; a nós, o que nos interessa não é aquele número, é, o outro, o da semana seguinte, que já nos apaixonava, que já aparece construído no nosso pensamento, como um sonho belo a realizar.

Reinaldo Ferreira, o cigarro pendente do lábio, lança mão dos linguadros amarelos e, com a pena molhada em tinta vermelha, começa a rabiscar no papel. As letras correm umas sobre outras, como bandos de aves perseguidas pelo caçador, gotejando longos rastros de sangue. Mario Domingues escuta ao Idílio Ferreira o relato de investigações difíceis, enquanto António Botto, servido pelo seu bom gosto gráfico, faz o arranjo das fotografias da capa, harmonizando-as, fazendo-as gritar o grande assunto do dia. Mas retine o telefone. Um informador dá-nos uma novidade sensacional, mais fresca, mais empolgante do que todas as novidades que já enquadráramos no esquema que iam executar.

O Director suspende o labor, ergue-se, nervoso. «E' preciso não deixar escapar êsse assunto!» — exclama. O chefe da redacção prime um botão eléctrico e, como se saísse de um alçapão de mágica, logo um dos nossos *grooms*, gaiato e vivo, aparece à sua frente. — «Vai chamar o senhor Fulano — ordena o chefe. — Dize a Cicrano que venha falar comigo imediatamente!»

Um reporter e um fotógrafo recebem ordem de seguir quanto antes para o bairro tal a fim de entrevistar um perigoso *escroc* internacional ou desvendar o paradeiro de certa aventureira cosmo-

polita. Serodio, o nosso fotógrafo, máquina a tiracolo, desaparece seguido do reporter — o Américo Faria, o Costa Júnior ou o Idílio Ferreira. O esquema daquele número tem que ser alterado. Não se hesita. Far-se-ão tantos esquemas quantos necessários para imprimir mais vida palpitante, mais vivacidade ao novo número.

E' assim, querido admirador da Província, que um número começa. Depois vêm dias e noites a escrever, a emendar, a retirar artigos já prontos para substituí-los por outros de maior oportunidade.

As fôrmas estão finalmente compostas, as máquinas de impressão, que estiveram dois dias a imprimir a parte colorida, vão começar a sua faina mais grave: a impressão do texto — que tanto trabalho deu ao Costa Pereira, secretário da redacção e chefe da revisão. Houve linhas a acrescentar para completar uma página, períodos a cortar porque excediam as dimensões que o esquema lhe destinava. Costa Pereira é o cirurgião do jornal que opera, cose, remenda, estica até deixar cada página limpa, elegante e sedutora. A máquina, dia e noite, geme na impressão. Os *grooms* andam num vaivem da tipografia para a Censura, da Censura para a tipografia.

E na véspera da aparição dêsse número — enquanto a redacção já estuda o número seguinte — é o dia máximo da secção de expedição. Trabalha-se afanosamente desde as primeiras horas da manhã até à madrugada seguinte.

E logo de manhã, D. Amélia Ferreira abre à gaiatada o *guichet* da venda. Empurram-se, insultam-se, falam tolos ao mesmo tempo: «Cinquenta exemplares! Vinte! Duzentos!...» Uma vez agarotada grita: «Eh! rapaziada, isto hoje é à bicha!» E durante todo o dia os rapazes sobem e descem dezenas de vezes as nossas escadas.

Oh! caro admirador da Província, como um jornal a valer, um semanário de grandes reportagens, é diferente do que tu sonhavas!

Quem nos dera que a ciência tivesse avançado tanto como tu imaginavas e que o *Reporter X* para aparecer palpitante de vida nas tuas mãos não custasse tanta canseira, tanto desgosto — que bastasse pensá-lo para logo se materializar em muitos milhares de exemplares, bem impressos e nitidos!

Mas como o teu sonho não é por enquanto realizável, vamos ao trabalho, vamos ao esquema do próximo número — o primeiro do segundo ano, — que será tão ou mais sensacional do que o presente.

Mário Domingues

e

Reporter X

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

O mistério da Biblioteca da Universidade de Coimbra

(Continuação da página 6)

Regent-Palace-Hotel, aproveitando o tempo a produzir umas crónicas, comodamente instalado e vestido apenas com pijama, sob as carícias da *chauffage*, enquanto lá fora o frio cortava as carnes como adagas... António Ferro, que entrevistara pouco antes D. Manuel de Bragança, viera visitar-me e falara-me da paixão bibliográfica do ex-soberano e dos livros preciosos da sua colecção. Recordo-me sobretudo que ao perguntar-lhe a «quantos estávamos» e ao responder-me ele, fez o seguinte comentário: «É impossível que hoje não me suceda algo — bom ou mau — mas emocionante ou interessante, pelo menos!» — «E porquê?» — «Porque eu vivo sob a perseguição dos *noves*! Todos os capítulos, episódios e datas da minha existência são *nove* ou dão *nove*! Nascimento dias solenes, dias venturosos, dias trágicos, números de residência (vivo em Lisboa numa casa n.º 9 e este quarto é 333 = 9), um vigésimo que compre por acaso, sempre os *noves* a perseguirem-me!!! Mas quando o dia somado com o mês e o ano dão *nove* — então é infalível o... acontecimento — e hoje (11 mais 12 (Dezembro) mais, 1930 = 9) é um desses dias!»

Sorriu-se António Ferro; e o seu sorriso não se apagava ainda quando um *chasseur* me entra no quarto trazendo-me um boletim de visita. Li-o — e senti que o «acontecimento» chegara já!... O boletim dizia apenas: «Sargento W... (do posto de *Wine-Street* desejava falar-lhe. Quere que suba, ou desce?» A categoria de sargento na policia inglesa é a de passagem do serviço de segurança pública para o de investigação criminal — ou seja de «detective» de... primeiro grau. Estes detectives fazem serviço, quasi sempre, não em *Scotland Yard* mas sim nos comissariados. E a sua aprendizagem. O meu hotel, instalado em *Regent-Street*, pertencia à zona policial do posto de *Wine-Street*. Conhecia o sargento W... pelo facto dele, dias antes, me ter visitado por causa duma formalidade de passaporte e de residência. Declarara, ao desembarcar em Inglaterra, que apenas me demoraria 15 dias; e como prolongara minha estadia e como o governo teme que os estrangeiros se empreguem, em desfavor dos milhares de «sem trabalho» ingleses, o sargento W... vinha investigar da razão da minha demora. Simpatizámos mutuamente, bebemos umas *guines*, fóra das horas marcadas pela lei, e ficámos amigos. Qual seria a causa da sua volta ao hotel? Mande-o subir, e António Ferro, discretamente, despediu-se...

O sargento W... não vinha só. Acompanhava-o um velho da mais britânica das correções na modestia burguesa do seu trajar. Apresentou-me: «Mr. T... agente de livrarias», e explicou-me: «Mr. T... interviaria na aquisição de umas biblias mais do que raras — únicas — (uma hebráica do século XII, avaliada em 40.000 libras, e outra, de Gutenberg, em 800.000.) O intermediário garantia que a Biblioteca da Universidade de Coimbra estava na disposição de se desfazer destes exemplares preciosos e que ele iniciara já as negociações, dando um quantioso sinal, e que ia partir brevemente para Portugal a fim de rematar a transacção. Os livreiros por conta de quem trabalha M. T... ofereceram-nos a um dos seus melhores clientes: D. Manuel de Bragança. Este não os quis mas indicou um amigo seu — titular, coleccionador e arqui-milionário inglês —, que logo aceitou a proposta. O intermediário, que é judeu e reside em Londres, partiu, de facto, para Portugal e voltou com as duas biblias, recebendo as quantias fabulosas pelas quais estavam apreçadas. O que primeiro atarmos M. T... e os seus livreiros foi o facto dêsse hebreu ter desaparecido misteriosamente da Inglaterra, vendendo casa e móveis e sem participar, despedir-se ou deixar nova direcção aos seus amigos mais íntimos e aos seus clientes mais generosos. Outros pequenos factos tinham

vinho semear uma grave suspeita no seu espirito: a suspeita de uma mistificação. Não ousara ainda desabafar com o comprador das biblias — mas confidenciara-se já com D. Manuel de Bragança. Pelo que Mr. T... me deu a entender, o ex-rei aconselhara-o a não escrever para Coimbra nem agir de forma a provocar o escândalo precipitadamente; e como tinha sido entrevistado dias antes por um jornalista do seu país — dissera-lhe que o procurasse e que tentasse por esse meio obter discretamente as informações que necessitava. A coincidência de ser con-tertuliano do sargento W... no mesmo bar e dêsse ter falado também com um reporter português causou o equívoco de ser eu tomado pelo autor da entrevista — o meu colega António Ferro, ou seja pelo jornalista que D. Manuel, ao que me pareceu, indicara para obter os esclarecimentos precisos. Desfiz esse equívoco e prometi vagamente atender ao pedido de Mr. T...

Só em 12 de Julho me foi possível ausentar-me de Lisboa e visitar Coimbra. E — caprichos da memória — visitando Coimbra por motivos muito diferentes, só poucas horas antes da partida eu recordei não só Mr. T... como o diátogo que escutara na Rua do Alecrim — episódio este que, nem mesmo em Londres, ao falar com Mr. T..., me acudira à mente. Tomei um *taxi* e, na companhia de António Botto, fui bater à porta da Biblioteca da Universidade. Cumprindo a promessa feita a Mr. T..., procurei que o bibliotecário que me atendeu — um moço ainda e por sinal invulgarmente culto e gentil de trato — me conduzisse à sala onde guardam as preciosidades e volumes raros, sem me referir à verdadeira causa da minha visita. Ciceronando-me, indicou-me a Biblia Hebráica do século XII e a de Gutenberg — dizendo-me que a primeira foi cubiçada por um milionário americano que oferecia por ela 100.000 dólares, e a segunda, por um outro *yankie* que estava disposto a pagá-la por 250.000 dólares. — «Mas não existe tesou» que faça esta biblioteca desfazer-se destas raridades — comentou o meu amável informador. — E, contudo, a Biblia de Gutenberg apenas nos custou — há quantos anos! — 750.000 réis... — «Houve, alguma vez, esboço de escamoteação?» — interroguéi eu. — «Nunca, que eu saiba!» — «E jámais lhe invadiu o espirito a suspeita de que as verdadeiras biblias tivessem sido substituídas por outras — proeza de qual quer *escroc* de génio?» — «Era impossível! A vigilância é constante!»

R. X.

Homens & Factos do Dia

(Continuação da página 3)

E formulámos no nosso fóro íntimo esta pergunta:

— *Porque motivo Lawrence, o animador de tantas revoluções, o homem que destrona reis como quem desmancha castelos de cartas, o encoberto das grandes tempestades políticas, neste momento em que a vizinha Espanha acabava de vêr cair o seu rei, o rei mais rei da Europa, e assiste assombrada ao incêndio revolucionário da Andaluzia, faz tão secretos passeios na Península Ibérica?*

Talvez o anónimo informador nos esclareça pelo telefone. No entanto, com uma certeza ficamos nós e o leitor: o coronel Lawrence não morreu, como se anunciou. E a sua ressurreição é mais sensacional do que a sua morte.

MÁRIO DOMÍNGUES

As grandes revelações



O Detective X, que o grande público aguarda impaciente, será um semanário com um aspecto gráfico inconfundível, que fará realçar todos os assuntos de grande sensação que abordará.

Má certos mistérios que os repórteres do Detective X, já em campo, conseguiram desvendar. Pensa muitamente, por exemplo, que certas personagens de romance não passaram de invenções de autores imaginosos. Pois o Detective X já logrou, mercê de porfiados esforços, descobrir a biografia de algumas dessas personagens estupendas, como Texas Jack, Buffalo Bill, Nick Carter e outros, que existiram de facto, que tiveram uma existência real e foram em vida tão audaciosos e argutos como certos escritores os têm apresentado através de fantasias.

Dos bas-fonds das grandes capitais, que têm sido teatro dos mais complicados e maquiavélicos crimes, já Detective X obteve preciosos informes inéditos que, publicados em Portugal, produzirão a maior sensação.

Os amores de Gallo e Pastora Império

(Continuação da pág. 11)

tinha a ilusão de que era um seu filho que se casava, e cada mãe, desvanecida, mostrava-se tão orgulhosa como se se casasse a sua filha mais querida.

Nunca um casamento fôra tão sinceramente ovacionado pelo povo como aquele, nem mesmo os das princesas reais. E eles — os noivos — iniciaram a sua vida conjugal sob os bons auspícios de uma multidão deirante que os levou em triunfo até à nova moradia conjugal.

Noite alta, o bairro da Triana continuava em pândega. Só a casa dos noivos estava cercada de silêncio, de tranquilidade que pessoa alguma ousava perturbar. E foi através dessa paz que a bulhosa Sevilha fôcamente estabeleceu em volta da casa nupcial que, pelas quatro horas da madrugada, uma sombra se esgueirou entre sombras e deslizando cautelosa foi bater à janela fechada, à janela do quarto dos noivos. Tardaram minutos e a velha — porque era uma velha muito velha a sombra glissante — tornou a bater. Bateu, bateu até que a janela se abriu e uma voz de homem perguntou:

— Que pasa?

Era Gallo.

— Olha, Gallo — respondeu-lhe a sombra sinistra, em uma voz cava, infernal —, essa mulher com quem te deitaste; essa mulher que tudo arriscou para te conquistar; essa mulher que é toda a tua alma — essa mulher é tua irmã!...

No dia seguinte, Sevilha, que tanto festejara aquele consorcio; Sevilha, que pusera luminárias para celebrar aquela união que maravilhava a Espanha inteira, assistia assombrada ao apartamento daquelas duas almas que tanto se queriam, daqueles dois corpos que tantos anos se desejaram.

E o motivo daquele apartamento quedou para sempre, através dos anos, no mais hermético mistério, até que um pobre cronista, de outra geração — enternecido pela história dêsse Gallo que arasta agora pelas praças de Espanha os restos luminosos dos seus sonhos e da sua glória —, se lembrou de escrever esta crónica em sua homenagem.

MÁRIO DOMINGUES

FITAS... (Cont. da pag. 7)

de Azevedo? Os cinéfilos que datam de 1910 admiraram-se quando Costello deixou de aparecer nos ecrans. Dir-se-ia que se havia sumido para sempre. E' este o mais velho de Hollywood. Pouco depois de se inaugurar a capital do filme, Costello, que estava casado com Mary Steven, surpreendeu-a em flagrante delicto de embriaguez, em consequência do qual um dos filhos ia morrendo com as roupas incendiadas e chamuscaram-lhe as carnes. Perdeu a cabeça — e esbofetou a esposa! Esta gritou, veio a policia, Costello foi preso, julgado, condenado. Tanto bastou para que a hipocrisia americana o pusesse no index do seu ódio. Os americanos não perdoam a um homem que bate na mulher.

Costello, que não tinha reservas monetárias, viu-se obrigado a ace- tar um emprego de caixeiro viajante negociando filmes para a provincia. Esta situação durou 16 anos — até que reapareceu na arte. Um *metteur-en-scène* francês que trabalhava em Hollywood encontrou-o quasi na miséria e como os seus filmes só são vistos na Europa, aperfeiçoou-o no idioma francês e distribuiu-lhe um papel de «inglês em Paris». Quando Costello entrou no «studio» para filmar as primeiras cenas teve um ataque de chôro, como uma criança. «Eu morreria de saudades — se não tornasse a filmar!» — disse elle abraçando-se ao seu salvador, que é o famoso *metteur Feyder!*

R. F.

A mulher marechala de bandidos e a mulher - juiz

VIVEMOS no século das surpresas constantes, principalmente no que se refere à vida feminina. A mulher vai ocupando, pouco a pouco, todos os lugares até hoje quasi exclusivamente reservados ao homem. Ainda não há muito tempo que só ao homem era dado ocupar lugares de grande violência ou de grave responsabilidade. A carreira das armas, por exemplo, só podia ser seguida pelos homens e era preciso ser-se santa, isto é, feita de massa diferente da vulgar, como Joana d'Arc, para uma mulher tomar o comando de tropas e conduzi-las às mais sangrentas pelejas. Hoje, porém, a mulher é tudo: mecânica, aviadora, médica, advogada, pirata e juiz.

A China anda agora muito preocupada com as aventuras de uma mulher pirata, a viuva Chang. Esta mulher, que já não é nova, pertenceu durante muitos anos à melhor sociedade. Era rica e respeitada e seu marido, um comerciante conhecido, acumulava os seus afazeres comerciais com um alto lugar na magistratura. Pouco a pouco, o marido foi-se arruinando devido aos assaltos da guerra civil e acabou por ser morto numa refrega de soldados revoltados.

Foi então que a viuva Chang, desesperada pelas privações e desgostos sofridos, abandonou tudo — lar e creados — e se colocou à frente de um punhado de homens armados. A sorte coroou de êxito as suas operações e depressa os seus adeptos atingiram o número quasi inverosímil de dez mil homens em armas. As suas tropas deram-lhe o título de marechala.

A viuva Chang ressuscitou a tradição romântica de alguns bandidos ocidentais: roubar os ricos em favor dos pobres. Esta sua maneira de agir grangeou-lhe enormes simpatias populares. Os seus agentes, quando ela prepara alguma expedição, mandam colar cartazes nas



Um julgamento na Rússia.

paredes e distribuir prospectos dizendo: «A viuva Chang é a estrela de salvação dos que sofrem...» «É necessário assaltar os ricos para salvar os pobres».

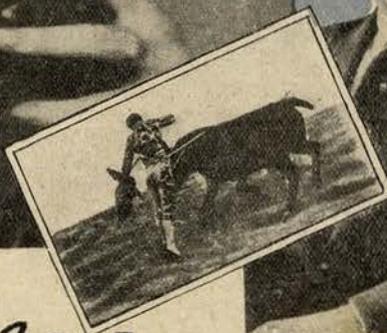
E, com efeito, esta mulher extraordinária nunca fez mal aos que vivem na miséria. As suas vítimas são os favorecidos pela fortuna. Ela tem contribuído para minorar a miséria de muitas provincias chinesas.

A sua cabeça foi posta a preço, mas ninguém ousa fazer-lhe uma traição.

E já que citamos o exemplo de uma mulher que ascende ao alto posto de marechala de bandidos, façamos também justa referência às mulheres que tomaram a peito defender a justiça. Na Rússia, em certos tribunais, os julgamentos são feitos por mulheres. A nossa gravura representa um tribunal feminino em pleno funcionamento na República dos Sovietes. A presidente, Madame Sviknia, fôra modista em tempos e as suas sentenças, segundo se diz, são dignas de Salomão. E a uma espécie de justiça de paz que ela preside. Ela sabe deslindar com extraordinária habilidade os casos mais complicados e os desherdados encontram junto dela conforto e piedade.

Quando teremos tribunais presididos por mulheres em Portugal? Talvez não tarde essa inovação. Em Espanha já o director das cadeias é uma mulher — a dr.^a Vitória Kent.

Os amores de
"Gallo"
e



Pastora Imperio